



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ESCOLHA PROFISSIONAL PELA DOCÊNCIA: LIBERDADE E RESPONSABILIDADE PELO ATO (ÉTICO)

Jhonnys Ferreira do Nascimento

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

lord.jhonnys@hotmail.com

Lidianny Susy de Queiroz Dias

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

lidiannysusy@yahoo.com.br

Débora Maria do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

pedeboramar@yahoo.com.br

Resumo: A literatura pedagógica que versa sobre escolha profissional pela docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental evidencia que os sujeitos desta profissão são oriundos, em sua maioria, de famílias pobres e em situação de risco social, com predominância de mulheres, haja vista o fenômeno sociocultural e político de feminização do magistério. Expressões como falta de oportunidade e lógica de destinação profissional são comuns a estas pesquisas, implicando num quase determinismo de classe e de gênero. Este estudo busca problematizar a escolha profissional pela docência na medida em que, se utilizando das noções de liberdade em Sartre (2012) e da responsabilidade ética dos atos, proposta por Bakhtin (2013), discute o processo de escolha profissional, atribuindo intencionalidade ética ao ato de ingressar no magistério. Utilizou-se das histórias de vida, via memoriais de formação, como mecanismo de construção de dados. Participaram do estudo os professores concluintes do Curso de Pedagogia do PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN, nos anos de 2002 a 2006. A perspectiva dialógica de linguagem em Bakhtin (2004) subsidiou as análises, possibilitando-nos reconhecer o ato de escolha profissional em sua materialidade constitutiva, evitando análises fragmentadas. À luz de Sartre (2012) e Bakhtin (2013), os dados da pesquisa demonstraram que os professores participantes do estudo constroem alibis para não assumir sua liberdade humana, se desresponsabilizando por seus atos, numa atitude que descaracteriza o não-álibi das ações, tendo em vista que estas são sempre intencionais, onde o sujeito deve assumir sua responsabilidade ética.

Palavras-chave: Escolha Profissional, Condicionantes Sociais, Liberdade, Responsabilidade Ética.

INICIANDO A CAMINHADA

Este artigo busca divulgar os resultados da pesquisa intitulada: “PERCORRENDO O CAMINHO DAS ÁGUAS: A ESCOLHA PROFISSIONAL DOS(AS) ALUNOS(AS)-PROFESSORES(AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA DO PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN”, realizada em 2014 no Curso de Pedagogia do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Departamento de Educação (DE), *Campus* Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

A problemática do referido estudo foi definida como: Por que os(as) alunos(as)-professores(as) que concluíram o Curso de Pedagogia no Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica (PROFORMAÇÃO), oferecido pelo CAMEAM/UERN escolheram a docência como atividade profissional? Ou, dito de outra forma: Quais os motivos evocados pelos(as) alunos(as)-professores(as) que concluíram PEDAGOGIA/PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN, nos seus memoriais de formação, para justificar/legitimar o ingresso na profissão docente?

As atuais pesquisas sobre escolha profissional pela docência estão todas, praticamente, amparadas por teorias que advogam que o homem é resultado dos conflitos sociais, sendo suas ações e atos influenciados pelo contexto histórico e ideológico de vivência. Assim, a escolha pelo magistério se dá, segundo estes(as) autores(as), por lógica de destinação profissional atribuída às mulheres (BUENO, 2005), por influências de amigos e familiares (LIRA, 2007) ou mesmo que não existe escolha quando se fala dos jovens das classes desfavorecidas da sociedade (VALLE, 2006).

Nesse sentido, buscamos problematizar essas abordagens teóricas de investigação, ancoradas em um quase determinismo sociocultural, utilizando para tanto as discussões encontradas na obra “Para uma filosofia do ato” de Bakhtin (2013), principalmente com autores(as) que realizaram releituras desse texto (SOBRAL, 2008; RODRIGUES, 2008). Outro autor que trouxemos para o diálogo foi Sartre (1970; 2012) e as suas contribuições ao existencialismo. Para ele não existe essência anterior à existência, o homem/mulher é aquilo que se projeta num futuro, tendo consciência dessa projeção. Dessa forma, o “[...] homem será apenas o que ele projetou ser” (SARTRE, 1970, p. 04).

É importante destacarmos que mesmo reconhecendo os condicionantes sociais que alicerçam a subjetividade e os atos humanos, este estudo, estruturado por uma perspectiva de profissionalização da docência, onde discursos contribuem para seu avanço ou recuo, ensejou problematizar o ato de escolha profissional, atribuindo responsabilidade ética por esse ato tão importante que é o ingresso em uma profissão.

PERCURSO METODOLÓGICO

Inserindo-se no paradigma qualitativo de aferição do real, a supracitada pesquisa utilizou os dados encontrados nos memoriais de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formação, sendo estes um gênero acadêmico autobiográfico (PASSEGGI, 2006). Como reflete Ferrarotti (2010), o método biográfico atribui à subjetividade valor de conhecimento e, desde a década de 1980, principalmente, vem sendo utilizado pelas Ciências Sociais como um instrumento de pesquisa. Nas Ciências da Educação, por serem menos arraigadas no paradigma positivista de conhecimento, que impregnou as Ciências Sociais durante várias décadas, o método biográfico vem sendo utilizado também como um instrumento de pesquisa-formação.

Dessa forma, foram analisados os documentos dos seguintes municípios: Doutor Severiano, Luiz Gomes, Portalegre e São Miguel, todos localizados no Alto-Oeste do Estado do Rio Grande do Norte (RN). De cada um destes municípios, selecionamos 10 (dez) memoriais de professoras (mulheres), menos de São Miguel, onde apenas 07 (sete) educadoras concluíram o Curso de Pedagogia. Destes 10 (dez) de cada cidade, escolhemos as 05 (cinco) professoras com o maior tempo de carreira e as 05 (cinco) com o menor, observando se existem diferenças na escolha ao longo dos anos. No caso dos professores (homens), selecionamos todos os concluintes dos referidos municípios, visto que, o número de educadores é bem menor que o de educadoras, o que resultou em 06 (seis) documentos.

Para a análise dos memoriais, adotamos uma perspectiva discursiva baseada na concepção dialética e dialógica de linguagem em Bakhtin (2004). Para o teórico russo, e os demais membros de seu Círculo de estudos, a linguagem deve ser compreendida como um fenômeno social e histórico, permeado pela(s) ideologia(s) que compõem a tessitura de vivência humana, sendo os signos linguísticos produções sociais que se interligam aos conflitos humanos. Essa concepção de linguagem contrapõe-se às correntes que viam a língua como um instrumento neutro de comunicação, relegando a interação verbal um lugar a margem do fenômeno comunicativo.

Pela limitação espacial desse escrito, realizamos uma síntese dos motivos elencados pelos sujeitos da pesquisa para a escolha profissional, levando-se em conta os condicionantes sociais, para logo após refletirmos sobre a liberdade e responsabilidade ética do ato, à luz de Sartre (2012) e Bakhtin (2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os municípios de Doutor Severiano, Luiz Gomes, Portalegre e São Miguel estão localizados na região do Alto-Oeste do RN, possuindo características socioculturais e econômicas até certo ponto semelhantes, sendo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

localidades que ainda possuem uma grande área rural, mesmo com o êxodo das últimas duas décadas, e diminuição das taxas de natalidade. Este aspecto deve ser bem ressaltado, pois é imprescindível que ao analisarmos os condicionantes sociais, escolhêssemos cidades que tivessem um tempo-espaço se não iguais, mas parecidos, tendo em vista a necessidade de contextualizarmos o processo de escolha dentro de aspectos temporais e espaciais.

Dos 48 (quarenta e oito) sujeitos da pesquisa, 39 (trinta e nove) nasceram na Zona Rural de seus municípios, 07 (sete) na Zona Urbana e 02 (dois) não citaram. Destes, 10 (dez) ainda residem no campo, 36 (trinta e seis) na Zona Urbana e 02 (dois) não citaram. A maioria dos(as) professores(as), 29 (vinte e nove), migraram do campo para a Zona Urbana, em busca de melhores condições de vida, haja vista as condições irrisórias de sobrevivência na Zona Rural.

Corroboramos do pressuposto de pesquisa de Rabelo (2008) quando afirma que os professores ao justificarem sua escolha profissional, não elencam apenas um único fator, mas, muitas vezes, um conjunto de fatores se interligam culminando na escolha pela profissão. Assim como os sujeitos da pesquisa da autora, os nossos também elencaram mais de um fator para o ingresso no magistério.

Quadro 01: Fator para a Escolha Profissional de Professores(as) que Concluíram o Curso de Pedagogia/PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN, período de 2002 a 2006

FATOR PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL (Por Vezes Citadas)	
Fator Citado	Quantidade de Vezes
Facilidade de Ingresso no Mercado de Trabalho	13
Falta de Opção	10
Influência de Amigos e/ou Familiares	6
Influência e/ou Admiração de/a Antigos(as) Professores(as)	1
Missão e/ou Vocação para Ensinar	1
Não Citou	17
Total	48

Fonte: Construído a partir dos Memoriais do PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN

Numa análise panorâmica do **Quadro 01**, compreendemos que os fatores de nosso estudo são predominantemente extrínsecos à profissão, sendo estes “[...] relativos ao contexto dessa atividade, são motivações ativas ou negativas, como a falta de opção, melhor escolha



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

possível [...]” (RABELO, 2008, p. 311). Entre as professoras que explicitaram que o magistério não foi escolhido por vontade pessoal, o argumento mais utilizado foi à facilidade de ingresso no mercado de trabalho, o que se assemelha a nossa pesquisa, onde esse argumento foi citado 13 (treze) vezes.

Todos(as) os(as) professores(as) que citaram esse fator como primordial para a escolha pela docência, expuseram as dificuldades econômicas e sociais que viviam, tendo em vista as irrisórias condições ligadas ao campo e a busca pela melhoria de vida. O principal objetivo destes sujeitos ao escolherem a profissão era findar com a existência construída nas dificuldades econômicas, visando a superação do trabalho na agricultura. “[...] vivemos parte de nossa vida voltada para o campo, a vida sertaneja, aquela que se caracteriza pelas lutas diárias, falta de chuva, os maltratos (*sic*) do sol abrasador, mas acima de tudo **marcados pela expectativa de alcançar melhores condições de vida**” (ALVES, 2003, p. 14, destaque nosso).

Assim, analisamos que existe uma aproximação entre o fator **falta de opção** e a **facilidade de ingresso no mercado de trabalho**, pois se o desenvolvimento do contexto social não propiciava variadas oportunidades de emprego, o indivíduo aproximava-se do que seria mais fácil mercadologicamente, no nosso caso, a profissão docente. Outro aspecto é o pertencimento que estes sujeitos possuem com os seus municípios, não querendo migrar deles em busca de outras oportunidades, talvez em busca de ocupações que lhes fossem mais aprazíveis. Além disso, estes não possuíam condições financeiras para estudar em outras cidades, ou Estados, tendo como limite o espaço geográfico onde viviam.

Como pudemos perceber, os(as) participantes do nosso estudo elencaram falta de oportunidade e facilidade de ingresso no mercado de trabalho como principais fatores para a escolha pela profissão docente. Existiria, dessa forma, uma gama de condicionantes sociais que diminuiriam a margem de escolha por determinadas profissões, restando à camada mais pobre da sociedade profissões desvalorizadas, entre elas, a docência. A seguir, tentaremos realizar uma breve discussão sobre a liberdade humana frente a estes condicionantes sociais, acreditando que o ser humano não é (apenas) um brinquedo das forças sociais.

O que nos instigou a trazer Sartre (2012) e Bakhtin (2013) para esse diálogo foi que, no plano do discurso, ao analisarmos os memoriais de formação, em nenhum momento estes sujeitos assumiram suas responsabilidades pela entrada na docência. Ora, eles(as) até poderiam relatar que a entrada na profissão era mais fácil ou mesmo que não tinham outras opções, mas, deveriam ter assumido, por uma questão ética, que ingressaram no magistério porque queriam, pois ninguém os(as) obrigou a tal ato.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O objetivo principal neste momento é refletir sobre a liberdade humana de escolha, buscando contribuir para o debate sobre as responsabilidades dos(as) professores(as) frente a seus atos, seja ele o de escolha profissional ou os atos diários tomados em seu cotidiano pedagógico. Muito mais do que acusar, serve para refletir. Para nos fazer entender que a docência, assim como outras profissões socialmente prestigiadas, é construída com bases profissionais, e mesmo com a desvalorização social atual, deve ser escolhida por aproximação identitária, e não por falta de oportunidades melhores.

O agir humano, segundo Sartre (2012, p. 536), visa modificar o mundo, dispondo “[...] de meios com vistas a um fim é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, [...] produza um resultado previsto”. Desse ato resulta uma ação que será sempre intencional. E essa ação terá como condição uma falta objetiva, ou carência, uma negatividade.

O ser humano age em dada realidade numa perspectiva de futuro, partindo da constatação dessas faltas/carências, ensejando chegar a um mundo que ainda não existe. Neste sentido, “[...] constatar que é o futuro que move o homem, é inverter a compreensão que impregna o senso comum onde o que motiva a ação é a constatação da situação atual do mundo, o presente em sua plenitude” (EHRlich, 2002, p. 59).

O senso comum, costumeiramente, afirma que o homem e a mulher agem a partir do momento que percebe sua situação no mundo, mas, segundo Sartre (2012), o ser humano age quando projeta-se em futuro possível, sendo este que ilumina o presente. Sejam quais forem as dificuldades que as pessoas vivem no presente, estas por si só não movimentam o ser humano ao agir, sendo necessário que estes percebam suas carências, e busque a realização destas, em um futuro que ainda não é. De outra forma: “[...] nenhum estado de fato, qualquer que seja [...] é capaz de motivar por si mesmo qualquer ato. Pois um ato é uma projeção do Para-si rumo a algo que não é [...]” (SARTRE, 2012, p. 539).

Neste sentido, o referido autor salienta que o ser humano é um ser temporal, assim, é impossibilitado a este conceber-se fora do tempo, todos os seus atos estão em busca de um futuro, caso não o fosse, o mundo não nos afetaria, pois não teríamos algo para conquistar. Assim, quaisquer que sejam as ações humanas, estas nos levam a um futuro, articulando-se a totalidade do nosso ser: nosso Projeto de ser (EHRlich, 2002; SARTRE, 2012).

Para Sartre (2012), não é possível entendermos as ações singulares do ser humano sem levarmos em conta seu Projeto de ser, pois é este que lança o homem a um futuro que ainda não existe, tendo em vista as carências do presente: As ações singulares possuem como meta o alcance do projeto de ser do homem e da mulher.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mesmo que sejamos ontologicamente livres para a escolha de nosso futuro, temos que compreender a liberdade dentro de uma “[...] facticidade, ou seja, numa situação concreta, onde ele terá inevitavelmente que eleger o que fazer do seu ser a partir de uma facticidade que independe dele para ser o que é” (EHRlich, 2002, p. 62).

Ao refletir sobre as condições materiais de possibilidades das ações humanas, Sartre (2012) nos instiga a pensar que elas, mesmo que contribuam para a projeção do homem e da mulher para o não-ser, não podem ser vistas como determinantes da ação, pois a realidade é em-si, é o que é, o homem/mulher não, ele é um sujeito de transcendência, podendo vir-a-ser. O contexto de vivência não está para o homem/mulher, mas sim o homem está para seu contexto, o que possibilita a superação do mesmo. O mundo estar, e o homem pode ser.

Entender que o ser-em-si, realidade, deve ser apreciado numa perspectiva do não-ser, ou seja, o presente deve projetar em um futuro, nos faz refletir sobre os dados arrolados nos subitens anteriores: Até que ponto a realidade em que os(as) professores(as) viviam poderia determinar a ação deles(as) de escolha profissional? Se a realidade não deve ser analisada em-si, mas em para-si, temos: os(as) docentes projetavam para seus futuros uma melhoria de vida, saída da Zona Rural, do trabalho na agricultura, etc., sendo este seu Projeto de ser, o que não contribuiu para a permanência dessa busca, através de profissões que realmente desejavam, como Enfermagem, Psicologia ou Medicina. Dessa forma, os esforços pessoais permaneceram num presente fatídico, escolhendo o que era mais fácil, o mais cômodo o que não necessitaria de desforra pessoal.

Na opinião geral, quanto mais difícil é uma situação concreta, mais o ser humano motiva-se em busca de melhores condições. Segundo Sartre (2012, p. 538), quando imerso em uma situação histórica desse calibre, o homem/mulher muitas vezes, sequer percebe suas faltas, suas carências contextuais, não por está acostumado a isso, “[...] mas porque a apreende em sua plenitude de ser e nem mesmo é capaz de imaginar que possa ser de outro modo”. Somente quando este(a) percebe que as coisas podem ser de outra forma, é que o ser humano põe-se a agir, compreendendo que as situações são insuportáveis e que precisam ser mudadas.

Conforme citamos nos parágrafos anteriores, para compreender qualquer ação singular do ser humano, faz-se necessário inseri-las em seu projeto de ser, ou projeto original. Mesmo sabendo que o projeto de ser dos participantes de nosso estudo era a melhoria de vida, através da Psicologia, da Medicina ou da Enfermagem, conforme foi citado por alguns(as) deles(as), essa ação não seria concebível se estes(as) tivessem que deixar suas localidades, famílias, amigos(as), etc. Ou seja, a ação de escolha



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

profissional não era mais importante do que o pertencimento do indivíduo ao seu contexto. Se o fosse, esse teria seguido em busca de seus projetos, mobilizando toda sinergia para isso. A questão da escolha pelo magistério não se inseriu em uma lógica de proximidade com a profissão, mas sim porque era mais fácil para o alcance dos objetivos imediatos.

Quando os sujeitos da pesquisa lançam mão de fatores como falta de opção ou facilidade de ingresso no mercado de trabalho, estes são indícios da negação da liberdade humana frente a seus atos. Esses fatores são compreensíveis, mas não justificam nenhuma ação. Acreditamos que falta a alguns/algumas professores(as) a compreensão de que como seres livres, não determinados(as), somos responsáveis em última instância por nossos atos, e que a docência não pode ser vista como a profissão dos(as) excluídos(as).

Ao refletir sobre a(s) verdade(s) como *pravda*, Bakhtin (2013) formula uma noção de sujeito que para existir tem que está na relação com o(a) outro(a), sendo este constitutivo daquele, entrelaçados pelas relações sociais. Um indivíduo que nunca é e sempre está, construído discursivamente em constante movimento de (trans)formação, o que refuta a noção de sujeito baseada em aspectos transcendentais, imutáveis. Assim como o sujeito está em movimento, a verdade também está, “[...] perdendo o seu caráter imanente e pré-fixado nas estruturas, passa a ser percebida como construída, sempre e todos os dias, na vida em-processo-de-devir pelo ser também em-processo-de-devir” (RODRIGUES, 2008, p. 30).

De acordo com Sobral (2012), Bakhtin formula uma concepção de sujeito que não se perde nas contradições de classe, mas também não se torna totalmente singular. O processo de construção do indivíduo é negociado dentro de seu contexto e vivência, sempre em relação com o outro, em outras palavras: sendo um eu para-si, condição indispensável para a construção subjetiva de todo sujeito, o indivíduo também é um eu para-o-outro, “[...] condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido” (SOBRAL, 2012, p. 22).

Se as verdades não são estáveis o sujeito também não é, o que acarreta a constante construção identitária deste e, mesmo que o contexto de vivência humano, dado, que está aí, seja influenciador das decisões do indivíduo, este não possui alibi para suas decisões, devendo ser estas éticas e responsáveis (SOBRAL, 2012). Mesmo que nossa relação com o outro e com a realidade seja constitutivo de nossas identidades, não possuo alibis éticos para não assumir minhas responsabilidades perante minhas ações.

O ato humano é sempre entendido por Bakhtin (2013) como o seu agir, intencional; ação essa onde se atribui sentidos ao ser concretizada, dentro de um contexto e sem alibi para sua efetivação. Em Aristóteles o ato é a realização da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

potência, a possibilidade de vir-a-ser, precedente dessa, o que influencia Bakhtin a enfatizar o processo do ato, ou seja, o ato só existe por causa de seu processo; conteúdo e concepção são abstratos nesse sentido (SOBRAL, 2012).

Podemos realizar um paralelo entre as discussões até aqui realizadas e a questão de nossa pesquisa: O ato de escolha profissional só deve ser entendido dentro de seu processo, ou seja, em sua materialidade constitutiva, observando seu conteúdo, caso contrário, nossa visão seria parcial. É comum nas Ciências Humanas a segregação entre os atos concretos, irreptíveis, “[...] praticados por sujeitos concretamente definidos, e os dos atos como atividade, ou seja, daquilo que há em comum, e que é, portanto, repetível, entre os vários atos de uma dada atividade” (SOBRAL, 2012, p. 11). O que implica na anulação dos atos singulares e seus processos constitutivos frente à generalização de um conjunto de atos.

Em nossa relação com o mundo e com o outro, somos impelidos a agir. Mesmo com as contradições sociais que nos envolvem, somos obrigados a agir. E nesse agir percebemos o perigo de nossas ações, pois nossos atos são sempre únicos e irrepetíveis (BAKHTIN, 2013). Mas não podemos não-agir, tendo em vista que o que concretiza a vida são os nossos atos: *o caminho se faz caminhando*. “Porque viver é muito perigoso, é preciso aprender a viver: sem garantias. Não há reversibilidade dos processos da vida” (RODRIGUES, 2008, p. 112).

Não existe ato sem risco. A própria natureza do ato é o seu risco radical. Quando falamos de escolha profissional nesta pesquisa, queremos atentar que toda escolha, ato, pressupõe um risco, ou de sucesso ou de fracasso total. Mas, como seres humanos, responsáveis por nossas ações, somos impelidos a agir. Porque nossa ação é o que legitima a nossa vida. A vida é materializada em nossas ações. E não existe alibi para nossas escolhas.

Quando os(as) professores(as) discursivamente não assumem a responsabilidade pelo seu ato de escolha, citando que ingressaram na docência pois não tinham opção, isso rompe com a ética moral da qual nos fala Bakhtin (2013): Não existe alibi para nossos atos. Permeados pela perspectiva teórica bakhtiniana, fomos impelidos a demonstrar o contexto real do ato de escolha, evitando cair no abismo da fragilidade teórica. Expusemos as materializações sociais de vivência dos sujeitos da pesquisa, mas, quando analisamos o ato de escolha, compreendemos a *desresponsabilização* ética destes(as) para o ingresso na carreira docente.

Corroboramos do pressuposto de Rajagopalan (1997 *apud* RODRIGUES, 2008, p. 118) quando este afirma que mesmo com inserção do sujeito na história e nos espaços, com todas as consequências que isso pode causar, devemos possuir a capacidade de interferir no mundo, buscando alcançar os nossos objetivos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A ética envolve a possibilidade e a liberdade de escolha, que por sua vez depende de um *mínimo de poder decisório por parte de um sujeito dotado de um grau de autonomia e liberdade para efetivamente exercê-lo*. O sujeito completamente determinado não tem nenhuma escolha sobre seus atos e, por conseguinte, não pode ser responsabilizado em relação aos mesmos. O sujeito ético precisa estar 'situado' na história; ele necessariamente tem um passado, um percurso histórico vivenciado, e à luz das lições apreendidas, a capacidade e a vontade de interferir no rumo dos acontecimentos.

Compreende Rodrigues (2008) que buscamos construir a todo instante, desculpas, corrimãos, que retirem de nós a responsabilidade pelas nossas decisões de cada dia. Como já ressaltamos, o ato exige responsabilidade. Se cada ser é único, todos os seus atos também o são, e é isso que constitui a *responsabilidade* ética, ou seja, a responsabilidade para comigo e para com os outros, o responder pelo que faço perante o outro. É angustiante não termos uma verdade universal (*pravda*) para nossas ações, mas é essa situação que nos permite sermos responsáveis pelo que somos.

Nas reflexões sobre verdade, Bakhtin (2013) nos faz transcender nas determinações casuísticas quando advoga que o indivíduo deve assumir sua responsabilidade ética frente a seus atos, escolhas, pois não existe alibi para o ser humano. O que trouxemos até aqui foram apontamentos iniciais que nos possibilitaram analisar as escolhas humanas de outra forma, e talvez contribuir para as discussões sobre escolha profissional, no nosso caso, a escolha pela docência.

PAUSA NA CAMINHADA: POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos em nosso estudo que os fatores evocados pelos partícipes para a escolha profissão são: facilidade de ingresso no mercado de trabalho, falta de opção, influência de amigos(as) e/ou familiares, influência e/ou admiração de/a antigos professores, missão e/ou vocação para ensinar. E que não existem diferenças nas razões que levaram homens e mulheres a ingressarem na profissão, pois, compreendemos que as questões de gênero pouco, ou nada, influenciaram no processo decisório, e que as questões sociais são muito mais relevantes para a pesquisa do que prováveis determinações sociais atribuídas a dado gênero.

Refletindo sobre o fator “falta de opção”, evocado pelos sujeitos do estudo, decidimos problematizá-lo, trazendo Sartre (2012) e Bakhtin (2013) para o diálogo, buscando instigar o(a) leitor(a) a refletir: Até que ponto os



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

determinantes sociais nos condicionam à escolhas que não queremos? E mesmo que esse fator, atribuir liberdade e responsabilidade aos atos humanos, tenha gerado uma polêmica entre os sujeitos que haviam lido os escritos iniciais deste estudo, acreditamos que são apontamentos necessários para (re)pensarmos aspectos identitários da profissão docente. Uma questão ficou por ser respondida: até que ponto a escolha por falta de opção, por falta de desejo pelo ofício, influencia o trabalho cotidiano desses(as) professores(as), e qual o impacto disso para a construção de pertencimento pelo magistério? É necessária nova pesquisa...

Bakhtin e Sartre nunca foram tão atuais. Em um contexto onde as pessoas tendem a não assumir suas responsabilidades perante seus atos, desrespeitando a própria transcendência humana e vontade de liberdade, uma discussão que aponte a busca pelo ser-mais, rompendo com as situações de determinismos e condicionamentos, se faz necessária. Enquanto seres humanos discursivamente determinados, mas não condicionados, devemos assumir nossa responsabilidade ética, compreendendo que não existem alibis para nossas ações. A vida se materializa nos atos, então, devemos agir, mesmo que o preço a ser pago seja alto, devemos agir.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza de Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, 2013.

BUENO, Belmira Oliveira. Magistério e lógica de destinação profissional. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, Ano 8, n. 11, p. 75 – 104, jan./jun. 2005.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

EHRlich, Irene Fabrícia. **Contribuições do “Projeto de Ser” em Sartre para a Psicologia de Orientação Profissional**. 2002, 232f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LIRA, André Augusto Diniz. **Tornar-se, ser e viver do professorado:** entre regularidades e variações identitária. 2007, 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

NASCIMENTO, Jhonnys Ferreira do. **Percorrendo o caminho das águas:** a escolha profissional dos(as) alunos(as)-professores(as) do curso de pedagogia do PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN. 2014, 120 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. As duas faces do memorial acadêmico. **Odisséia**, Natal, RN: EDUFRN, v. 9, n. 13-14, p. 65 – 75, 2006.

RABELO, Amanda Oliveira. **A Figura masculina na docência do ensino primário:** Um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas “primárias” do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. 2008, 545 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Universidade de Aveiro, Aveiro: 2008.

RODRIGUES, Elenita Gonçalves. **Descendo a toca do coelho:** Linguagem, ética e a questão da verdade. 2008, 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um humanismo.** Paris, 1970.

_____. **O Ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOBRAL, Adail. Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VALLE, Ione Ribeiro. Da “identidade vocacional” à “identidade profissional”: a constituição de um corpo docente unificado. **Perspectiva.** v. 20. p. 209-230. Florianópolis, 2002.

_____. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** v. 87. p. 178-187. Brasília, 2006.